ANO 6.º — Sexta-feira, 4 de Julho de 1913 — NUMERO 278

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	Esc. 1,20
Semestre	« 0,60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	« 2,50
Avulso	« 0,02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

SITUAÇÃO FINANCEIRA

As receitas do Estado em equilibrio com as despêsas

Uma obra monumental do ministério Afonso Costa

VIVA A REPUBLICA!

Como tantos outros, nós pensâmos que a Republica só se consolidará em Portugal por uma sólida e honésta administração dos dinheiros públicos e ainda pela moralidade que deve presidir a tódos os actos politicos dos govêrnos a quem fôrem confiados os destinos da nação e queiram efectivamente mostrar o seu patriotismo engrandecendo-a com critério, nobrêsa e elevação de sentimentos. Tudo que assim não seja, tudo que se desvie das verdadeiras normas que conduzem ao triunfo a Idéia que foi a suprêma aspiração dum povo, é caír no pélago por onde desaparecem todas as esperanças e apressar a morte da nacionalidade por falta de competencia dos homens, o que seria a maior das ignominias.

E porque assim pensâmos, e porque assim discorremos é por isso tambem que hoje mais animados do que ontem temos o convencimento de que Portugal não é um país decadente, um país morto, um país sem recursos para se elevar no concerto das outras nações. Portugal resurge e resurge pelo braço forte dum homem trabalhador e inteligente, como é Afonso Costa, a quem devemos na atual conjuntura o maior serviço á Republica e á Patria representado pela obra colossal que o imortalisou no ministério das Finanças.

Temos, finalmente, equilibrado o orçamento. Assim o comunicou na ultima sessão do Congresso realisada no dia 30 de Junho o sr. dr. Afonso Costa e assim nós o proclamâmos cheios de entusiasmo e satisfação pelo notavel acontecimento.

E constatando-o, aqui deixâmos tambem o relatório com que o sr. presidente do ministério e ministro das Finanças precedeu a apresentação e documentação de contas, que todos os portuguêses devem conhecer para que justiça plena seja feita a quem a merece por si e pelo partido que, áparte a orientação com que ás vezes não concordâmos, por desarmonica, tão dignamente representa.

Eil-o:

Srs. deputados e senadores: — Em 10 de janeiro do corrente ano, quando tive a honra de lêr ao parlamento a declaração ministerial, afirmei que o govêrno, tendo diante de si apenas quatro dias para rever e completar a organisação do orçamento geral do Estado, se via forçado a tomar por base o trabalho já feito, e contava sobretudo com a colaboração do parlamento e das suas comissões, para que começasse de realizar-se o principio do *equilibrio orçamental, base essencial da politica financeira do govêrno, por ser tambem a do crédito do país.* Este programa não foi apenas cumprido á risca, porque se encontra, de facto, excedido em proporções, que nem os mais optimistas ousavam considerar acessiveis. Logo na elaboração da proposta orçamental, o governo realizou um enorme esforço. Recebendo documentos e trabalhos, que permitiam prevêr para 1913-1914 um *deficit* de 8:461.139$000, rectificou lançamentos na importancia de 1:173.759$000, computou aumentos de receitas no valor de 1:120.650$000, e, *sem desorganizar serviços nem diminuir vencimentos*, reduziu despezas no quantitativo de 2:733.846$000, o que fez baixar o *deficit* a 3:435.884$000, operando assim uma melhoria geral de 5.028.254$000. E néssas condições entrou o orçamento em 15 de janeiro na sua fase de revisão parlamentar.

Demorado e proficuo foi o trabalho do parlamento. Entretanto o govêrno foi apresentando, modificando e defendendo varias leis de grande eficacia para o equilibrio do orçamento, tais como a de 15 de março, conhecida pelo nome de *lei-travão*, a de 15 de fevereiro sobre a contribuição predial e de registo, a dos adidos, de 14 de junho, a dos titulos da divida publica, de 27, e tantas outras. Póde afoitamente dizer-se que raras vezes o parlamento tem legislado tão largamente em materia financeira, e nunca com mais acêrto. Ao mesmo tempo, o govêrno, ajudado pelo povo, inspirou-se no seu admiravel exemplo de trabalho e confiança administrativa. A proficuidade da sua obra ainda poucos a conhecem bem. Basta considerar que, desde janeiro de 1913 até hoje, as receitas chegaram amplamente para as despezas, e ainda déram sobras que se traduziram em amortisações não obrigatorias. Tão fecundo foi este periodo de acção republicana! Recebendo a herança e as responsabilidades de uma gerencia, cujo *deficit* estava calculado em cêrca de 7:000.000$, o govêrno desanuviou-a completamente, e preparou com éla um novo ano economico, em que já não será dificil, salvo o regresso a erros imperdoaveis, viver desembaraçadamente.

Graças a estes poderosos auxiliadores em que tem logar primacial o povo português, o govêrno conseguiu, senhores, realisar a ardente aspiração de todos os bons patriotas—o equilibrio seguro e efectivo das receitas e despêsas do Estado. Os numeros que vou lêr convencerão os mais incredulos. Para sua mais rapida compreensão, precedê-los-ei de algumas palavras, sem prejuizo de os acompanhar e seguir de toda a documentação necessária. As receitas gerais do Estado foram calculadas em 15 de janeiro em 75.747:093$ reis. Como, porém, o parlamento autorisou a simplificação de escrita, que foi ao mesmo tempo um saneamento, de não se continuar a creditar e debitar inutilmente, aos portadores da divida pública interna, 30 por cento dos seus juros, desapareceu da despêsa do ministério das finanças, e ao mesmo tempo das receitas do tesouro, a elevada soma de 5.234:431$000 reis. Se as receitas públicas não tivéssem melhorado de 15 de janeiro para cá, a quantia então fixada em 75.747:093$000 reis baixaria para 70.512:662$000. E, no entretanto, éla aparece-nos, não diminuida nésta grande importancia, mas ainda aumentada de 147:122$000 reis! E' verdade que ésta elevação de reis 5.381:553$000 não representa totalmente acrescimos de receita. Néla se incluem diversas verbas, que figuram por contrapartida na despêsa, como a de 105:000$000 de emolumentos de contribuição de registo, pertencentes aos funccionários, 90:000$000 de multas por apreensões da guarda fiscal com destino aos apreensores, 153:000$000 de real de agua para a camara do Porto, 216:300$000 de juros de novos titulos da divida pública na posse da fazenda, 144:000$000 de fundo de amortisação a cargo da Junta do Credito Público, 70:000$000 de propinas de inscrição nas Universidades, 67:450$000 de melhoria do fundo nacional da assistencia, 105:000$000 de acrescimo de exploração do porto de Lisboa, e diversas de menor tomo, somando no conjunto uma quantia superior a reis 1.000:000$000. Em todo o caso, o aumento efectivo de receitas, como demonstram os mapas ao diante, atinge cêrca de 4.000:000$000, o que seria suficiente para matar o *deficit*, se o govêrno, dominado por éssa exclusiva preocupação, conservasse estabilizadas todas as despêsas públicas, inclusivé as de maior utilidade.

Sucedeu, porém, que o govêrno encontrou a instrução primária—o mais importante serviço público dentro de uma Democracia—nas maiores dificuldades de vida e sem quaesquer condições de progresso. Desde logo trabalhou na sua reorganisação, na entrega da sua administração aos municipios, e no alargamento das suas dotações. Para isso era preciso dinheiro, e o govêrno, não querendo insistentemente apelar para o imposto, procurou realizar novas economias em diversos serviços, além das já efectuadas de 10 a 15 de janeiro.

Este proposito não se efectivou sem dificuldades de toda a ordem. Como porém, eram justissimas as aplicações a que se destinavam as economias, éstas receberam afinal, com rarissimas exceções, aprovação quasi unanime. O subsidio do Estado á instrucção primária foi elevado de 700:000$ a 100.000$ reis, sem falar na dotação de reis 56:000$000 com destino ás Escolas Moveis para adultos, nos 144:000$000 reis para a aposentação de todos os professores inabilitados, no reconhecimento dos direitos adquiridos á promoção com pesado encargo para o Estado, etc. A par da instrucção primária, o orçamento para 1913-1914 suporta fortes sacrificios com encargos dos emprestimos de reis 200:000$000 para a construcção de uma escola normal, de 110:000$000 rs. para o Liceu Feminino de Lisboa, de 150:000$000 reis para o Liceu do Porto, etc., e contém verbas novas para importantes serviços escolares de Medicina, instalação e funcionamento da Escola de Estudos Sociaes e Juridicos em Lisboa, e organisação do ministério de instrucção pública, em que se coordenarão todos estes esforços de um modo proficuo e progressivo.

Tudo isto sería ainda facilmente comportavel desde que, pela lei de 15 de fevereiro de 1913, se alcançou um aumento importante de receitas, não tanto sob a fórma directa da contribuição predial, em que se obteve apenas uma melhor distribuição, e, portanto, uma mais facil cobrança, mas sob a fórma indirecta da contribuição de registo, em que o Estado começou a partilhar mais equitativamente da movimentação geral da riqueza publica. Porém, a instrucção, se era o essencial, não era tudo. E o govêrno, estudando o problema da assistencia, lançou no proprio orçamento as bases da sua resolução, começando por aceitar encargos permanentes de mais 100:000$000 reis para os hospitais civis, e encargos de juros e amortisação de um grande emprestimo para manicomios, maternidade, etc., de anuidade não inferior a 150:000$000 reis! E não ficou por aqui. Em materia de fomento, assumiu responsabilidades efectivas de cêrca de 300:000$000 reis no proximo ano economico, só para os portos de Leixões e da Figueira da Fóz, e tem de preparar para Leixões mais a anuidade de reis 240:000$000, a partir do ano imediato. Ao mesmo tempo, dotou as pontes e estradas em construcção com cêrca de 100:000$000 reis a mais, e assegurou o desenvolvimento dos serviços dos Caminhos de Ferro do Estado. E não devem esquecer-se as proprias dotações novas para a guarda republicana, na importancia de 85:000$000 reis, porque correspondem a uma urgente necessidade pública, de cuja satisfação proviéram assinalados beneficios sociais, de ordem pública, e até fiscais.

Vê-se, pois, que o orçamento da Republica para 1913-1914 não comporta apenas a execução da primeira regra de uma administração honesta: o equilibrio das receitas com as despêsas, mediante o alargamento daquélas e a redução déstas. Tem ainda o começo de execução da segunda regra dêssa honesta administração: o alargamento de serviços utilissimos mediante o dispendio de quantias muito avultadas, sem prejudicar o equilibrio alcançado, e devendo por isso procurar-se a compensação dêsse dispendio em novas reduções de despesas, se não em alguns acréscimos de receitas. Sob este aspecto, o govêrno fez quanto pôde. Percorrendo os mapas, encontram-se muitos cortes de despesas, que ainda mais se valorizam se destacarmos de cada ministério as verbas novamente inscritas apenas por contrapartida com as receitas correspondentes. A uma receita global de 75.894:214$000 reis, corresponde uma despêsa de 74.927:181$000 reis, o que representa a segurança do equilibrio orçamental; pois embora o saldo de 967:033$000 reis deva, em parte, ficar reservado para a reconstituição de marinha de guerra, como resolveu o Parlamento, ainda restará a importante soma de 408:033$000 reis para fazer face a quaisquer eventualidades. O govêrno, considerando em conjunto a obra realisada e os seus resultados, tem a consciencia de não haver praticado a menor desumanidade, nem prejudicado qualquer serviço util, para alcançar o saneamento das finanças publicas. E tendo-o conseguido de um modo legitimo, em condições de eficacia, duradoura por sua propria natureza, antevê já com satisfação a hora proxima, em que poderá propôr ao Poder Legislativo a organisação da defêsa nacional—aspiração generosa, de todos os portuguêses dignos, e para a qual, todavia, era preliminar condição de honra esta obra, que a Republica Portuguêsa, repudiando definitivamente todas as tradições de administração monarquica, acaba de realisar pela primeira vez, mas, esperemo-lo, para todo o sempre—o equilibrio das suas contas e dos seus orçamentos! Como penhor désta vontade, forte e definida, lá está, em reserva, não apenas em cifras, mas saida de um *superavit* efectivo, a verba de 559:000$000 reis, que me obriguei á reconstituição da marinha de guerra portuguêsa, e que a éla ficam insofismavelmente adstritos.

Como um fermento abençoado, éssa verba irá, no proximo ano, proliferar. Déla provirá, com uma mais forte unidade nacional, uma reflectida e segura confiança nos destinos do povo português sob a égide da Republica!

Equilibrio orçamental

I—Receita	75.894:214$820
II—Despesas	74.927:181$940
Superavit	967:032$880
Reservado para a reconstituição da marinha de guerra...	559:000$000
Disponivel	408:032$880

Diferenças

Quer *alguem* saber o motivo porque quando aludimos ao deputado Ratóla o distinguimos do *revolucionário* Alberto Souto, ultimamente tão discutido entre nós.

Com todo o gosto. E é até mesmo conveniente, para que se não desvirtuem as nossas intenções, que isso se faça quanto antes e no espirito público fique o convencimento de que da nossa parte só existe razão em não querer confundir as duas entidades embora sejam uma e a mesma pessoa.

Alberto Souto, *revolucionário*, era em tempos não distantes ainda aquele dos republicanos que com a *canalha* convivia e nas colunas deste jornal acamaradava comnosco, sem tergiversações, dando-nos todo o seu apoio e solidariedade, como facilmente se demonstra revendo a colecção do *Democrata*. Nunca entre nós houve divergencias de ideias ou de opinião até ás proximidades do advento do novo regimen. Mas uma vez proclamada a Republica e eleitas as Constituintes, vemos, com surprêsa, que o rapaz modésto, desinteressado, pobre como nós e como nós ardendo em zelo pela transformação moral do país se havia convertido num *dandy* pretencioso, altivo e intratavel com a *canalha*, que lhe serviu de degráu, para se encostar á gente de *categoría social*, marca Barbosa de Magalhães, aos imoralões da monarquia, por conveniencia mascarados de republicanos, e que nunca poderiam trazer ás instituições prestigio, honra, proveito, exatamente porque nunca souběram senão ser o que são e eternamente hãode ficar sendo—uns intrujões.

Data desse dia, do dia em que nos convencêmos da falta de coerencia de Alberto Souto, a quebra das nossas relações pessoaes e politicas.

Com mágua, deixou de existir para nós o correligionário, o amigo, o companheiro que tanto presávamos considerando-o uma esperança de Aveiro incapaz de pactuar com tudo quanto para aí existia de baixo, de desonésto, de indigno, de repelente. Surgiu então o deputado Ratóla. O mesmo com quem não queremos confusões e que é a causa da bréve explicação dada néstas colunas a *alguem* que mostrou empenho de conhecer a diferença que existe entre o revolucionário Alberto Souto e o deputado Ratóla.

Ela aí fica.

Por Coimbra

Nésta cidade lavra grande descontentamento por ter sido creado em Lisboa um curso de direito, conforme deliberação do Parlamento.

Além de terem sido adiadas as festas marcadas para os dias 3 a 10 do corrente, o comercio conserva as suas portas fechadas em sinal de protésto não se tendo contudo dado até hoje qualquer incidente desagradavel.

O govêrno tem tomado todas as providencias no sentido de manter a ordem, caso éla seja alterada, nomeando já seu delegado especial naquele distrito, em substituição do governador civil, que se demitiu, o capitão Meira, o qual com o nosso querido amigo Beja Silva ali déve permanecer até á solução do conflito.

Ao Brazil

Com o *team* Nacional de Foot-ball que em Lisboa se organisou para ir ao Rio de Janeiro a convite do *Botafogo Foot-ball Club*, seguiu na semana finda o conhecido *sportmen* aveirense, sr. Mario Duarte, que representará o govêrno em todas festas *sportivas* que se realisarem entre portuguêses e brazileiros.

Mario Duarte deve estar de volta daqui a mez e meio, aproximadamente, com os restantes companheiros a quem deste logar expressâmos o desejo de que obtenham assinaládos triunfos nas provas em que tivér de entrar.

EM REFORÇO

Manuel Coelho, o ex-tenente Coelho do 31 de Janeiro, escreveu ha dias um artigo a proposito de alguns *leaes* e *dedicados* republicanos que comprométem e cércam o sr. dr. Afonso Costa, disfarçados em correligionários de verdade, que não fugimos á tentação de trasladar para aqui pelo menos uma das passagens que melhor se adapta a éssa vergonha que entre nós se patenteia aos olhos de toda a gente e é representada na capital do distrito pela familia Firmino-Barbosa de Magalhães, como se sabe hoje mais liberal e republicana do que os prehistóricos do tempo do Marréca.

Diz assim Manuel Coelho:

. . . .

«Só amigos e correligionários do sr. Afonso Costa, alguns que nunca ninguem viu e conheceu nas fileiras republicanas, tem atacado e ofendido velhos republicanos cuja nobrêsa de caracter, como simples cidadãos e como politicos, ninguem honésto pôde macular . . . .

. . . .

só correligionários do sr. Afonso Costa teem ousado desrespeitar homens respeitaveis por todos os motivos e ainda por serem distintos republicanos . . . .

. . . .

só correligionários do sr. Afonso Costa afrontam toda a gente, seja éla quem fôr, que como eles não pertença a éssa agremiação...... de que, aliaz, fazem parte individualidades que no dia 5 de Outubro, ás 12 horas do dia, ainda eram adversários da Republica!

. . . .

Por aqui se deu e acontece a mesma coisa.

O sr. Afonso Costa deixou-se sequestrar por aqueles que nésta terra ha meio seculo só representam o retrocésso e a guerra implacavel á Liberdade, quer éla se tenha manifestado á sombra da monarquia quer já dentro do atual regimen onde os seus modernos correligionários a cada passo demonstram o que são sem vergonha de que lhes apontem as suas imposturas.

A gente que guerreava infame e indignamente o grande cidadão, o imortal patriota que se chamou José Estevam Coelho de Magalhães, é a mesma que ainda hoje persegue quantos defendem e batalham pela moralidade, pela honra das instituições e pelo cumprimento da lei; são os mesmos que depois das irmãs da caridade e da Imaculada Conceição, defenderam, num desesperado esforço, o acto condenavel dum bispo despotico e grosseiro que se recusou a acompanhar um prestito religioso e que á força militar teve de poupar á ira do povo justamente excitado pela pública ofensa, que esse bispo, fanatico e autoritário, lhe fizéra; é, sim, é a mesma gente que promoveu um abaixo assinádo reprovando o gésto da *canalha* que néssa ocasião, como sempre, fôra a vóz da justiça ofendida e revoltada contra o despotismo e a tirania clerical. Tal qualmente aquéla mesma *canalha* que, vai para dois mezes, os fulminou, aos embusteiros, cobrindo-os não só com o protésto de justificada revolta pela prática duma das maiores monstruosidades de que ha memoria em Aveiro, mas ainda com a numenclatura de qualificativos que bem evidenciou a conta em que no espirito público é tida semelhante gente.

O eterno juiz—terrivel, implacavel, mas justiceiro como a propria justiça!

AS INSPECÇÕES MILITARES

AVISO Á MOCIDADE

A' hora que o nosso jornal chegar ás mãos dos seus leitores, devem ter principiado as inspecções medicas dos mancebos para o serviço militar.

De quanto absolutamente condenável e criminoso, ha largos anos, se tem praticádo em volta desse acto que a todos, pelo elevado principio a que obedece, deve merecer o maior escrupulo e a mais alevantada justiça, é do conhecimento público. Infelizmente, porém, a publicação de taes crimes não tem atingido o centro das populações onde mais deviam ser conhecidos em consequencia do estado de crassa ignorancia em que vivem, razão principal que favorece a ignobil traficancia que infame e impunemente perante os tribunaes—que não perante a consciencia pública—se tem acobertado e defendido.

Ha perto de trinta anos que num crescendo assustador de ganancia e de impunidade, todas as épocas se punham em prática os mais repugnantes e indignos expedientes afim de impedir que quantos podéssem dispôr dum punhado de libras ou de cartas de recomendação fugissem ao pagamento do sagrado tributo que a Patria impõe aos seus filhos, quer éssa fuga representasse uma grande vilanía nos seus proprios resultados, quer uma indignidade fazendo recaír noutro quanto por justo direito lhe não cabia.

Organisávam-se verdadeiras sociedades para explorar ésta mina, cujos filões prometedores garantiam lucros seguros e a faina atingia tal desenvolvimento, foi-se identificando de tal maneira com os exploradores que as *transações* eram feitas em pleno dia, sem escrupulos, sem reservas, como se traduzissem a cousa mais digna e honrada deste mundo.

Medicos houve que não só tomavam o *honrado* encargo de passar atestados, a *verdade* dos quaes garantida *pela sua honra e pelo seu grau*, para os apresentantes obterem a sua isenção nas inspecções medicas a que eram submetidos, como ainda os mesmos medicos, mediante várias quantias em dinheiro, tomavam o compromisso de conseguir, independente desses atestados, o seu livramento!

Os *caciques* politicos, por sua vez, esforçavam-se no mesmo campo de acção, uns com o intuito apenas de mostrarem o seu valimento e influencia, outros porque indignamente auferiam tambem lucros que justificavam perante a ignorancia dos explorados com diversas razões... atendiveis e indispensaveis.

Num dos tribunaes judiciaes dêste distrito fôram condenados a penas que variáram entre tres e desaseis mezes de cadeia alguns membros duma déssas sociedades que existiram, destinadas á exploração lucrativa do aviltante negocio.

Não podendo os condenados distruir as provas irrefutaveis da sua culpabilidade criminosa perante um juiz consciencioso e recto, éles que poderiam contudo fazer cair no mesmo putrido lamaçal outros *socios* que a rede não podéra atingir, calaram no seu intimo os nomes do resto da quadrilha, que assim se salvou e impunemente saíu do lance em que quasi só ficáram os comparsas.

E foi na presença désta lealdade, certamente mal compreendida pelos beneficiados, que o advogado defensor dos criminosos num impeto de intima revolta pela desproporção na responsabilidade pedida exclamava em pleno tribunal tremulo de indignação: **pena é, senhor juiz, pena é que emquanto possa caír sobre as cabeças dos meus constituintes todo o peso das culpas que lhe imputam, os verdadeiros criminosos, os que pelos seus conhecimentos e representação social, que são os unicos responsaveis, se conservem alheios a este julgamento mantendo-se em liberdade sem virem dar contas á justiça de toda a sua gravissima culpa e responsabilidade na pratica dos actos que aqui se estão liquidando.**

Falava assim o advogado dos desgraçados, insuspeitamente, verdadeiramente, porque bem sabia êle que os seus eram simples executantes, méros agentes dos verdadeiros criminosos, dos unicos sobre quem recaía toda a responsabilidade do crime que arrastava ao banco ignominioso, a dar contas á justiça, os réus constituintes, na verdade bem menos culpados do que aquêles que lhes davam o exemplo e cuja responsabilidade, medida com a que pesava sobre êsses, alguns até *homens politicos*, de *cotação social* conquistada néstes e noutros procéssos identicos, era de todos bem conhecida.

* * *

Inicia-se este ano, mais uma vez, a época em que se procede á escolha dos cidadãos que estejam no caso de poderem servir a sua Patria, quando éla por gràve e afrontosa situação, que a envolva, deles tenha a necessidade suprema do seu esforço e até da sua vida.

A todos quantos néssas condições se encontrem lhe recordâmos a necessidade e o dever de com toda a sinceridade do seu sentimento e grandêsa de patriotismo vir, sem outro subterfugio, apresentar-se ao exame que lhe tem de ser feito, arredando do seu caminho os miseraveis que pretendam macular a purêsa das suas intenções, qualquer que seja a situação désse especulador.

Além da disposição da lei que creou e estabeleceu o imposto militar, exigindo aos que, por qualquer impossibilidade ou defeito fisico não possam servir, o pagamento duma contribuição, é indispensavel que os incautos se convençam que junto ás inspecções medico-militares não ha empenhos nem pedidos bastantes para as fazer torcer a lei, cometendo iniquidades.

Afastai do seu caminho os vis e indignos exploradores que tentem iludir-vos abusando da bôa fé e da simplicidade dos vossos espiritos, para vos extorquir como os gatunos vigaristas, importancias representativas do pão de vossos filhos ou do vosso proprio!

Enxutai para longe tantos quantos abusam indignamente das suas funções, por tantas vezes maculadas no cometimento dos maiores crimes—a padrinhagem, a politica e até o proprio proveito déssas infamias superiormente refletido, e repelí com altivez os que num cumulo abjecto de cinismo, tentam ainda passar na sociedade, que de sobra os conhece, como ouro de quilate e pedra de toque!

Bradae-lhe—futuros soldados da Patria—que não estaes dispostos a ser roubados, nem explorados por audazes gatunos, quer éles se apresentem de chapeu alto e luvas quer sejam recrutados dentre os humildes que não sabem o que fazem!

Quem julga das vossas aptidões—escutem bem os candidatos ao exercito—é simplesmente a junta medica inspeccionadora, livre de qualquer pressão, alheia a quaesquer promêssa ou compromisso que infamemente vos seja feita por esses indignos e tórpes exploradores!

Ide e confiae unicamente na justiça, nos homens que vos tem de inspeccionar! Nada mais.

FILMS...

... como punhos

Palavras de Brito Camacho junto do coval de Carlos Calisto:

«Está provado, meus senhores, que a nossa crise financeira era só de ida ás administrações pouco inteligentes e pouco escrupulosas, e que a nossa crise economica provinha de um lamentavel abandono do país por banda dos seus governantes, que detinham a posse de todos os instrumentos de riquesa, não sabendo servir-se dêles. A primeira déssas crises está em vespera de resolver-se satisfatoriamente, e a segunda já teve um começo de resolução, que é preciso levar a cabo. Subsiste a crise de carater, que é de todas a mais gràve, e essa não póde resolver-se apenas com medidas legislativas, decretando virtudes sociais. E' preciso que todos se empenhem na sua resolução, e ainda a melhor maneira, a mais eficaz de se conseguir esse *desideratum* consiste em adotar cada um, sem coacção de qualquer ordem, uma tal linha de proceder que éla possa ser regra ou preceito de moral.»

São verdades como punhos, estas, que aí ficam a atestar uma opinião por nós formada de ha muito sobre as causas de todo o nosso mal: uma verdadeira crise de caracter que avassalou á sociedade portuguêsa a qual hade custar a meter na ordem exatamente porque se não adótam medidas legislativas, decretando virtudes sociais... aos de cima, para exemplo... dos de baixo...

Apoiado, sr. Brito Camacho!

Esguichos?

Houve-os de facto lá por casa. De várias proveniencias e com diversos resultados. Se fizéram gosto nisso até lhe poderemos dizer donde eles viéram e quaes as consequencias, que as conhecemos como os nossos dedos.

Nós... e os outros.

Muito parecido

Não é só nos oculos que póde haver aproximação entre homens. Ha tambem muitos outros pontos de referencia—interiores e exteriores. Nestes ultimos fica o *examinador* com a autorisada e reconhecida recomendação das suas antigas provas, a vir verificar quanto possa haver de parecença, porque temos a antecipada convicção que o exame deve ser completo visto que é feito por mão de... mestre...

Pessoas sérias?

O *orgão dos taberneiros* diz que estâmos todos os dias atacando pessoas sérias e honéstas désta terra, sem outro intuito mais do que insultar.

Lemos e relemos o nosso jornal e áparte a defêsa de vários assuntos de interesse local e geraes, deparâmos com referencias a factos consumados que representam infamias e crimes dos quaes os seus protagonistas são a escória vil e condenada ha muito por todos os homens de bem.

E' claro que tal classificação não atinge o *Bichêsa*, o *Murtozeiro*, o *Pilécas*, o *Canivete*, etc.

Quem diabo serão as taes pessoas *sérias e honéstas désta terra que atingimos?* O *Manuelsinho da Harmonica* tambem não é, porque a ele não aludimos senão no nosso almanaque, que *é o melhor guia dos forasteiros no distrito de Aveiro*...

Parelha

Não condizem na estatura—unica diferença. Quanto ao résto, pucham cérto—passo egual, as mesmas manhas, atirando de garupa e mordendo com persistencia, não conhecendo dono, nem tratador, mas amoldando-se ao govêrno conforme a mão de rédea e a prespétiva do castigo...

São já cerrados sendo um fraco já das mãos mas outro muito seguro nas... pernas...

Vendem-se ou alugam-se por preços comodos.

Alto lá!

Os *Ridiculos* chamam á dentada com que fômos mimoseados pelo deputado Ratóla—não confundir com o revolucionário Alberto Souto—*um beijo de burro*.

Salvo o devido respeito que nos merécem as opiniões dos outros, devemos objectar que com tal classificação não concordâmos. *Beijo de deputado democratico* sim, porque é original e nem todos se gabam de os ter apanhado...

Continúa ainda de posse dos livros paroquiaes o vigário Pato, das Aradas, que não tendo aderido á Republica, não aceitou a pensão, não reconheceu a Cultual e por fim abandonou a egreja andando a dizer missa por capélas particulares seguindo as pisadas dos colégas de Esgueira e da Oliveirinha.

Como se entende isto, sr. Conservador Geral do Registo Civil? Que atenções são éstas para com um padre que assim desrespeita as leis do Estado pondo-se em conflito com o povo da sua freguezia?

Egualdade, haja egualdade, senhores, na aplicação da lei que não póde nem deve ser interpretada segundo a protecção que cada um dispõe.

Excursão ao Bussaco

—=((*))=—

Efectuou-se no domingo a projectada excursão promovida pela *Sociedade Recreio Artistico* ao Bussaco, a mais grandiosa que em Aveiro se tem realisado até hoje e tambem a mais entusiastica pela animação que lhe imprimiu a gente moça além da Banda dos Bombeiros Voluntarios cujas composições musicaes são sempre ouvidas com agrado.

Tanto na pitoresca mata, como no Luso, como no trajecto póde-se dizer que um pensamento só, unico, animava os excursionistas e que era o da confraternisação num dos sitios que melhor se prestam a ser visitados durante a estação calmosa pelo que teem que vêr e observar debaixo do ponto de vista histórico como ainda por ser aquele onde, sem os encomodos do calor, se póde permanecer durante um dia inteiro tão livre do sol se acha pela espessura do seu arvoredo e outros encantos que fazem da linda serra do Bussaco, de gloriosas tradições, o mais bélo, o mais surpreendente retiro de Portugal.

Bem andou, pois, a *Sociedade Recreio Artistico* de Aveiro em promover a excursão de domingo que deixou marcada entre nós fundas recordações e não menos gratas reminiscencias de tudo quanto o Bussaco encerra de grande, de magestoso.

O cinico

Têm sido várias as impressões causadas em quantos ainda se prendem com a lendária desvergonha do charlatão que aí pontifica no orgão jesuitico da corja da Vera-Cruz e que nos ultimos dias se saíu a fazêr *um pouco de historia* a seu modo, como costuma, para provar o seu liberalismo, êle a quem ha tanto tempo os aveirenses conhécem pela impostura que o caracterisa, pelo deslavamento que representa, pela deslealdade e cinismo que tem sido até ao momento presente um dos grandes requisitos da sua existencia.

Naquéla toada, naquéla lamuria que enója, vivo testemunho do quanto tem sido capaz a alma de esterco que arquitéta historias e tira ilações, o que quererá o tipo? Fazer vêr que é sincéro, que têm convicções, crenças, sentimentos? E' tarde. A questão das irmãs de caridade, a questão da Imaculada, a defêsa do bispo de Coimbra, os insultos aos republicanos, a fé monarquica em que se debatia antes do 5 de Outubro, tudo isso é mais que suficiente para que ninguem, absolutamente ninguem, possa ter duvidas ácêrca do caracter réles do safado trampolineiro.

Imaginará o pulhastro que o tomam a sério, que lhe não conhecem a cronica e que se acham já esquecidos os elogios e insultos da papelêta a José Luciano de Castro, ao Conde de Agueda, a Gustavo Ferreira Pinto, ao dr. Elias Fernandes Pereira, consoante as conveniencias estomacaes, que são outras tantas provas de repugnantes baixêsas em que tem chafurdado? Julgará o emérito bajulador de todos os que pódem dar que bastaría para convencer alguem do seu republicanismo a amostra de que esteve antes da proclamação da Republica num partido avançado dentro da monarquia para que foi ainda por uma questão de interesses feridos, como em bréve havemos de demonstrar?

O' desgraçado, cala-te! Cala-te miseravel! Não agraves mais a situação. E's a vergonha de Aveiro, como a vergonha de Aveiro foi em todos os tempos o vasadouro da Vera-Cruz, autentico representante duma casta que felizmente tende a desaparecer. Estâmos enojádos. Porque, positivamente, não se encontra em parte alguma exemplar tão perfeito e que revéle tanto cinismo como êsse que dia a dia temos escalpeládo no intuito de purificar o ambiente, já que ainda não pudémos vêr-nos livres da chaga.

E' que os patifes e os malandros encontram sempre descarada protecção.

NOTAS DA CARTEIRA

Regressou de Lisboa o nosso amigo dr. Alfredo Nobre, conservador do registo civil.

= Estiveram em Aveiro os srs. João Afonso Fernandes, da Quintã do Loureiro e Ventura Simões Aidos, de Agueda.

= Foi passar alguns dias a Amarante com sua esposa o tenente farmaceutico do Ultramar, Raul Vidal.

= Afim de passar as férias grandes seguiu hoje para a Ferradosa, o aluno do liceu Francisco Manuel Simões.

= Fez na terça-feira anos a menina Maria Rodrigues da Costa, aluna da Escola Normal e presada filha do abastado proprietario de Avelãs de Cima, sr. Manuel Simões Rodrigues da Costa.

Os nossos parabens.

= Chegou já a Loanda com sua esposa, o nosso presado amigo sr. José Moreira Freire, cuja viagem decorreu sem incidente.

CULTUAIS

—=(*)=—

Veio a público o sr. Pompilio Ratóla, irmão do deputado do mesmo nome, explicar que não foi á Cultual da freguezia das Aradas que se pediu licença para a realisação dum funeral ali ha pouco realisado, como viu *num papel, que se publica nésta cidade com o nome de jornal*, mas sim ao sr. administrador que *a principio pôz cérta dificuldade por não compreender bem a lei*, etc., etc. E acrescenta: *Quando se entrega a execução duma lei ou cargos administrativos a pessoas que não percebem nada de* regedoria, *dá este resultado*.

De *relojoaria* é que o sr. Ratóla (Pompilio) queria talvez dizer. Era mais verdadeiro e desculpava-se melhor perante os que lhe não reconhecem autoridade nenhuma para censor dos actos daquêles que estão encarregados de fazer com que se respeitem as leis da Republica sem restrições.

Teatro Aveirense

Anunciam-se para bréve dois espectaculos pela companhia do *Republica*, de Lisboa, que representará a *Primerose* e o *Primo Basilio*.

Escusado será dizer que quem quizer assistir a estas representações se tem de munir de bilhetes com tempo porque de contrario póde ficar sem êles.

Solidariedade

Ainda a proposito da nossa condenação

Loureiro de Oliveira de Azemeis, 26 de Junho de 1913.

...sr. Arnaldo Ribeiro

Devido ao meu estado de saude só hoje lhe posso transmitir a dôr profunda que invadiu o coração de todos quantos conheciam o procésso pelo qual acabais de ser condenado no tribunal de Aveiro.

Por toda a parte os cidadãos honéstos são unanimes em afirmar que no falido regimen não se deu caso tão vergonhoso.

Um tal estado de coisas chega a causar desalento aos que de longa data se tem gasto na defêsa duma Republica democrática, pois nunca julgámos que sucedesse o que sucedeu.

. . . .

Em nome de todos os meus correligionários locaes e pelos mesmos autorisado, aqui deixo o meu protésto contra a protecção dispensada aos indecentes espéculadores, que, cobertos de crimes, invadiram as fileiras democráticas para continuarem nas suas explorações ignobeis á moda antiga com todas as probabilidades de saírem impunes.

Abaixo os mascarados!

Viva a Republica!

Joaquim S. de Figueiredo e Castro

—

Rio de Janeiro, 11 de Junho de 1913

...camarada e amigo

Profundamente indignado contra o procedimento iniquo e vergonhoso dos que condenáram o Democrata, *venho trazer-lhe o protésto da minha mais profunda solidariedade.*

Quando em 5 de Outubro vi o despontar da Patria julguei que a vida dos miseraveis que empestava a nossa adorada terra ficasse por uma vez extinta. Vejo, porém, com a sua condenação, que me enganei. Contudo, intemerato cidadão, não desanime. Siga sem transigencias o caminho que traçou e o futuro saberá glorifical-o.

Salvé o Democrata!

Abraça-o o

camarada dedicado

Francisco Fernandes M. de Mélo

—

Do *Desforço*, de Fafe em 12 de junho:

Arnaldo Ribeiro

O nosso presado correligionario sr. Arnaldo Ribeiro, director do *Democrata*, de Aveiro, acaba de receber uma consagração do partido republicano local.

Nós, que muito apreciamos Arnaldo Ribeiro e portanto os serviços por êle prestados á causa da Republica, enviâmos-lhe o nosso abraço de solidariedade.

AGENCIA DE RECRUTAS EM AVEIRO

Não abre este ano, nem o seu proprietario faz contratos com os mancebos que desejem ficar isentos da vida militar ainda mesmo que ofereçam mais do que o COSTUME.—*50$000 reis.*

Aviso aos interessados

CONFRONTOS

ONTEM E HOJE

Atravez do orgão, em Aveiro, do "deputado democratico,,, Barbosa de Magalhães

«Vem aí El-Rei

. . . .

Não sabemos que receção se lhe prepara. E' natural que a Câmara Municipal, como legitima representante do concelho, tome a iniciativa e promova o que é do seu dever e decérto do seu desejo.

E' preciso, entretanto, alguma coisa mais: que se faça interessar no brilho da receção toda a cidade, não vá dizer-se lá fóra que **da semente daninha aí trazida ha alguns dias, um grão que fôsse germinou.**

Não ha tal. O mau vento que a trouxe esse mesmo a levou. Levou-a como a trouxe: **incapaz de produzir, infecundavel em terreno como o nosso onde são cada vez mais vivas, onde cada vez mais se avigoram as crenças e a fé monarquica.»**

. . . .

(*Campeão das Provincias*, de 30 de Junho de 1909)

VIVA EL-REI!

Quasi se póde dizer désta segunda visita de el-rei ao norte o que se disse e realmente foi a primeira do seu auspicioso reinado, em novembro ultimo.

Acolheu-o, no percurso, o ruido das saudações populares, numa viagem feliz, de verdadeiro triunfo para a monarquia, que o augusto chefe do Estado simbolisa.

O Porto, a cidade heroica, heroica defensora das liberdades patrias, mais uma vez recebeu o soberano com as cativantes homenagens e demonstrações de afécto á corôa portuguêsa, que são dos seus habitos fidalgos e da sua dedicação ao trono, que não perde um ensejo de aproximar-se do povo e de manifestar-lhe, por seu turno, o seu respeito e seu amor por esse mesmo pôvo, tão bom, tão generoso, tão grande ainda.

Nésta feliz viagem, a que el-rei veio por motivo duma festa patriotica, pois se solenisavam brilhantes episodios da nossa epopeia militar, mais uma vez o soberano têve ocasião de apreciar o enternecido carinho e a respeitosa simpatia das grandes massas populares do norte a sul do país.

Em Aveiro sucedeu o que era de prever. A noticia da passagem de el-rei trouxe ai centenas de pessoas que de todos os pontos do concelho e de muitos do distrito correram a patentear-lhe **a sua calorosa adesão,** a vitorial-o, a dizer-lhe, por maneira evidente, da sua satisfação, **das suas crenças na monarquia constitucional,** que êle representa. A *gare* encheu-se, apinhou-se de gente, em larga representação de todas as classes sociaes, avultando, entre aquéla massa enorme, que se comprimia, o pôvo da cidade e das aldeias, que precisava fazer naquéla eloquente afirmação de principios, **o desmentido solène que fez dos falsos pregões da demagogia decadente.**

A' passagem de el-rei, nos dois dias em que éla aí têve logar, ninguem faltou. Fizéram-se ouvir os hinos festivos, estoiraram os foguetes e os morteiros, mas a vibração das aclamações populares, o ruido daquéla saudação calorosa, sobrexcedeu, sobrelevou tudo isso. El-rei sorriu á multidão, satisfeito, e levou daqui, por certo, a mais lisongeira, a mais grata impressão.

Não houve distinções, nem de partidos nem de classes. **Lá estavamos todos: os dissidentes, os progressistas, os regeneradores-liberais, toda a familia politica de preponderancia na terra, unida no mesmo pensamento, com o mesmo ardor, o mesmo entusiasmo, como se fôra sob a mesma bandeira, afirmando a sua dedicação á causa da monarquia, que é a causa da Patria e da Liberdade.**

Esta segunda visita oficial de El-Rei ao norte, marca na sua historia, na historia da nação, algumas paginas mais de **verdadeiro triunfo.**

Por que o sr. D. Manuel II prosiga conquistando novos louros, firmando no amor do povo os alicerces do seu trono, **são os nossos, são os mais sincéros votos de toda esta formosa região da beira-mar.**

Mais uma vez e **em nome do prestigioso grupo politico que nos honrâmos de representar na capital dêste distrito, bradâmos a toda a força do nosso entusiasmo e das nossas convicções: Viva El-Rei!**

(*Campeão das Provincias*, de 7 de julho de 1909.)

DR. AFONSO COSTA

A viagem do sr. dr. Afonso Costa atravez toda a linha da Companhia-portuguêsa, quando, no sabado ultimo, se dirigia ao Porto a fim de inaugurar ali o *Centro Democratico* daquéla cidade, constitue a maior e melhor demonstração de simpatia e consagração pessoal e politica a que se tem assistido no país.

Desde a sua saida, em Lisboa, até á sua entrada no Porto, as aclamações foram geraes e feitas com um entusiasmo que tocou as raias do delirio.

Em Aveiro, que nos recorde, nunca se fez manifestação de egual grandêsa.

A cidade despovoou-se para correr á estação, e foi assim que ali se juntou, dum e outro lado da linha, numa grande, numa enorme extensão, aquéla mole imensa, que se cumprimia para assistir e vitoriar na sua passagem o prestigioso caudilho da democracia.

Mal o comboio entrou nas agulhas subiram ao ar centenares de foguetes, fazendo-se ouvir o hino nacional. Uma salva de palmas, calorosa, intensa, acolhia o tribuno á sua passagem.

Os vivas eram ininterruptos e o delirio apossou-se da multidão quando o dr. Afonso Costa assomou á portinhola. Quiz-se ali mesmo erguel-o em triunfo. A carruagem foi invadida por ambos os lados, não dando depois tempo á saída dos ultimos.

Descoberta, a multidão erguia o idolo das suas crenças ao altar da consagração. Foi um momento solène, aquele.

Cremos bem que jâmais se apagará da lembrança do sr. dr. Afonso Costa a recordação daquéla festa. O comboio partiu e ainda por largo tempo os manifestantes se mantivéram vitoriando o popular paladino da democracia.

Com o sr. dr. Afonso Costa seguiam os srs. Correia Barreto, dr. Alfredo de Magalhães, Germano Martins, Alvaro de Castro, Bernardo Paes de Almeida, Arantes Pedroso, Filomeno de Almeida, Fortunato da Fonseca, Artur Costa e Adriano Mendes de Vasconcélos.

No domingo, por que os seus afazeres os pendiam ainda no sabado em Lisboa, passaram aqui, em direcção ao Porto, os nossos queridos amigos e ilustres senador e deputados, srs. drs. Antonio Macieira, Barbosa de Magalhães e tenente Vitorino Godinho, que tivéram tambem a esperal-os na gare algumas pessoas de familia e amigos. Não foram outros por não saberem da sua passagem.

Ao sr. dr. Afonso Costa foram oferecidos ramos de flores e foi pedida a sua vinda a Aveiro no regresso do Porto ou noutro proximo dia, promêssa que ficou feita e com que Aveiro conta para brève.

. . . .

Convidado a vir a Aveiro, como dissémos já, o sr. dr. Afonso Costa tenciona vir num dia proximo, talvez no domingo da semana imediata, vindo com ele os nossos queridos amigos, srs. drs. Antonio Macieira e Barbosa de Magalhães, que se farão tambem ouvir.

A cidade prepara-se para os recolher com uma ruidosa manifestação de simpatia.

O *Campeão das Provincias*, que se honra em acompanhar, na politica, o *Grupo Democratico*, congratula-se com o brilho que teve a festa da inauguração do *Centro do Porto* e com as manifestações de aplauso e simpatia tributadas ao **eminente estadista,** chefe **nato da politica republicana democrática, a quem saúda com verdadeiro entusiasmo e fé.**

(*Campeão das Provincias* de 8 de Novembro de 1911.)

O que fica transcrito dispensa comentários porque não ha ninguem que lendo tal se não convença de que, na realidade, a familia Firmino-Barbosa de Magalhães, duma *cotação social* tão elevada e *convicções* tão profundas, é sincéramente democrática.

O que, porém, nos faz cérta confusão é a antiga gaséta monarquico-clerical dizer que a *semente daninha aí trazida* na excursão republicana do Porto era *incapaz de produzir*, por *infecundavel em terreno como o nosso*, onde eram *cada vez mais vivas*, onde cada vez mais se avigorávam as *crenças e a fé monarquica*, para afinal, dum momento para o outro, fecundar no proprio orgão do sr. Barbosa de Magalhães que em 5 de Outubro apareceu mais republicano do que a *semente daninha* dos excursionistas republicanos.

Grandes e extraordinárias convicções, não ha duvida!

E querem estes *adesivos*, defensores de todas as imoralidades e de todos os regimens, que os tomêmos a sério.

Nunca!

ODIOS DE PULPITO

—(*)—

Agora que os animos estão mais ou menos serenados, após loucos e falhos movimentos, que apenas serviram para outra vez demonstrar a falta de senso de quem *ingenuamente* os originou, é viridico que os inimigos da Republica, especialmente a classe sacerdotal, continuam com a sua campanha de odio e difamação. E será dificil que esse odio corcado termine, pois toda a gente sabe que era enorme a influencia que exercia entre nós a classe jesuitica, e uma vez cortadas para todo o sempre as pias das suas ambições, jámais acabará para com ésta Patria, que se envergonha de lhes ter servido de berço, a propaganda desmoralisadora e falsa.

O odio dos padres é eterno, e posto que pareça morto, vive e transmite-se duns para os outros com força epidemica. Se falha uma tentativa empreendem outra, e outra, com uma perseverança nunca desmentida.

Associaram-se a conspirar, mataram, envenenaram e traíram, nada podéram conseguir, e, ocupam-se actualmente em revelar nos pulpitos, que dizem sagrados, o seu rancôr mesquinho contra a patria liberta, querendo introduzir no animo do povo que ainda os ouve, a copia das suas infamias e vinganças. Mas de nada servirá a sua vil propaganda; ninguem jámais acreditará nas suas odiendas palavras.

Cuidado, povo ingenuo que os escutais; não deveis ir na corrente perversa désses que calcam aos pés a divina liberdade que *Cristo*—seu amo e senhor—tanto amou, e que constitue o mais santo, o mais inabalavel direito do homem.

O povo português acha-se satisfeito com esta esplendida fórma de governo, por isso o *padre* devia amar o povo e seguir com êle pelas ruas amplas da democracia, visto que por élas chegarêmos ao sagrado ponto que desejâmos:—salvar a nossa patria da podridão em que a monarquia a sepultou.

Mas não; o padre odeia o povo, seu irmão, com odio mortal.

¿E o preceito de Deus que manda amar o proximo?

Não se lembram dêle os representantes de Cristo; ocultam sob o manto hipocrita da santa piedade as suas ideias raivosas e os seus desejos de sangue.

Se no momento em que na egreja difamam os homens publicos, o Espirito Santo os iluminasse, dir-lhes-ia que a vontade de um povo é invencivel e que é inutil o seu esforço contra o bem estar da nossa nacionalidade.

Ninguem ignora que o padre é cégo pela ambição e que por esta pratica todas as patifarias possiveis; por isso Portugal não pode ser eternamente escravo dos jesuitas.

Tinha de surgir um dia em que alguem levantasse altivamente a fronte com dignidade sublime e dissésse: Sou a Liberdade! Nésse dia acabaria para sempre a negra escravidão.

Assim foi. O 5 de Outubro veio nobremente e tirou-nos das mãos dos algozes. Contudo, o padre português devia seguir com o seu povo a marcha gloriosa da sua patria, dando-lhe a vida se preciso fôsse, visto que tambem possue uma lei proveitosa como é a lei da Separação.

O seu unico pensamento devia ser a liberdade, aconselhando e reprimindo quem ousasse opôr-se a éla.

¿Quem se atreveria comnosco se existisse entre nós éssa unidade de ideias, de sentimentos, e de verdadeiro amôr patrio?

Ninguem.

No entanto, ao passo que sacrificamos as nossas vidas e de nossos valentes soldados, o padre, o nosso irmão, o representante de um Deus mizericordioso e bom, difama-nos e pretende desmoralisar o grito mais sublime que podemos lançar.

E' preciso que procurêmos um remedio para fazer calar todas éssas bôcas falsarias que com a sua peçonha enxovalham a Republica Portuguêsa.

João Santiago

Parabens

Dâmol-os ao inteligente aluno do liceu désta cidade Francisco Manuel Simões por ter concluido com aproveitamento o 2.° ano do curso geral e a seu bom pae e tio, srs. Acacio Simões e padre Luiz Simões, enviâmos um abraço de intima congratulação pelo motivo apontado.

O verão

Parêce que agora sempre chegou. Pelo menos assim o observámos na semana finda e principios désta em que a temperatura foi excessiva.

Era tempo.

AFLIÇÕES

Andam aflitos, mesmo muito aflitos, determinados puritanos, como o *Bichêsa* e o *Bêbes* porque alguns empregados que contam 35 anos de serviço, outros mais outros menos, descançam neste momento das suas fadigas, ao abrigo das garantias que a lei lhes estipula, esperando a ultima demão nos respectivos processos da sua reforma.

Já até um desses *puritanos* anunciava, sempre com aquele reconhecido cunho de verdade que costuma imprimir ás suas referencias, que todos os funcionários que não tivéssem 60 anos, estando ou não aposentados, iriam a uma inspeção, que decidiria ferozmente (conforme os desejos dos anunciantes, bem entendido) da futura situação desses empregados, dando como futuro presidente de taes juntas o sr. governador civil.

E' absolutamente falso.

A junta deve talvez ser presidida pelo miliciano Pereira da Cruz, tendo como vogaes o *Bichêsa* e o *Bêbes* com a provavel presença do *Dôce Maria*, para desempate, no caso de qualquer divergencia, visto que este elemento se agregou á companhia Bichêsa para anunciar á porta da barraca... o programa dos espetaculos tantas vezes patiados e assobiados...

Pobres *artistas!*

TORPEZAS

O orgão *Camaleão* do sr. Barbosa de Magalhães veio na quarta-feira dar-nos uma grande novidade: é que o pae do director dêste jornal, João Bernardo Ribeiro Junior, foi um dos mesários da Santa Casa da Misericordia que em 1888 admitiu no serviço do hospital as irmãs de caridade! E mais: que foi o dr. Barbosa de Magalhães (pae) quem em 20 de Setembro de egual ano ordenáva a saida déssas mulheres, como presidente da comissão que substituiu a anterior de que João Bernardo Ribeiro Junior fazia parte. Quer dizer: o *Camaleão* conclue de todo o arrazoado que faz sobre o caso que nós não temos autoridade para o alcunhar de reaccionário e jesuita por ter defendido a conservação das irmãs de caridade no hospital porque o pae do nosso director é que as lá meteu! Mais uma vez o *Camaleão* mente como um perro. João Bernardo Ribeiro Junior não teve pessoalmente responsabilidade alguma na introdução das irmãs de caridade no hospital de Aveiro. Pertencendo ao partido progressista de que Manuel Firmino era chefe e Barbosa de Magalhães um dos marchaes desse partido, João Bernardo Ribeiro Junior não fez mais do que dar o seu voto á proposta de um outro correligionário graduado, José Eduardo de Almeida Vilhena, que tambem era mesário da Misericordia e parece que o principal interessado na vinda das taes mulhersinhas. Só isto. Não passou daqui a intervenção de João Bernardo Ribeiro Junior no assunto, que mais tarde foi liquidado á tapôna pelos elementos liberaes no celebre dia das eleições em que o *popular* e *liberal* Manuel Firmino teve de ir para casa no meio duma escolta de cavalaria apupado e apedrejado pela maioria da cidade que lhe não consentiu por mais tempo a afronta do seu partido em trazer para a terra de José Estevam quem por ele havia sido tão duramente alvejado, nas câmaras, em discursos veementes.

Foi nêssa ocasião, nesse dia por tantos titulos memoravel de triunfo para a causa que a memoria de José Estevam em si encarna, que as irmãs de caridade saíram de Aveiro, não expulsas do hospital por Barbosa de Magalhães, como o *Camaleão* mentirosamente quer dar a entender, mas corridas pelo povo, pela cidade que em gritos estridentes de protésto clamava pela sua expulsão imediata ao mesmo tempo que aos seus principaes defensores, e só a esses. Manuel Firmino, Barbosa de Magalhães e Almeida Vilhena, exprobrava a ousadia de tripudiarem sobre os seus sentimentos liberaes, colérica, indignada, possuida dum grande amor pelos principios que defendia e que não eram, nunca foram aqueles que hoje quer mostrar a gaséta de tão sujas tradições como repugnantes processos jornalisticos.

João Bernardo Ribeiro Junior, queremol-o aqui dizer com desassombro, foi sempre uma figura apagada na politica embora com a consideração devida a quem honéstamente, dignamente, cavalheirosamente quiz sempre trilhar o caminho uma vez encetado. Tendo sido membro da Junta Geral do Distrito e mais tarde da Comissão Distrital, podemos afoitamente dizer que a ninguem mendigou esses cargos porque João Bernardo Ribeiro Junior não precisava nem nunca teve feitio para mendigar fosse o que fosse em paga dos seus serviços politicos. Ofereceram-lhe esses logares? Aceitou-os. E agradeceu a quem dele se tinha lembrado para os ocupar sem que contudo se transformasse em capacho dos que julgavam que tudo era deles pelo simples facto de indicarem, segundo as suas conveniencias partidárias, individuos para cargos que tinham de ser preenchidos.

Nunca o nome de João Bernardo Ribeiro Junior apareceu nas discussões dos jornaes. Conhecido por toda a gente em Aveiro, jámais alguem ousou atribuir-lhe responsabilidades daquélas que o *Camaleão* agora lhe vem atribuir acrescentadas ainda com a divida de favores a Barbosa de Magalhães que não teve, que não pediu e que só óde acreditar quem não souber que João Bernardo Ribeiro Junior foi sempre um desinteressado toda a sua vida e como tal ainda hoje é tido no concito de todos os seus concidadãos para quem a lama do *Camaleão* hade evidentemente passar como um esguicho fétido de mais uma calunia urdida exclusivamente com o intuito de nos ferir á falta doutros argumentos que de alguma sorte esbata o vergonhoso e infame procedimento do repelente tragalhadanças.

Que João Bernardo Ribeiro Junior era da mêsa directora da Misericordia quando as irmãs de caridade entraram no hospital! Mas que quer isso dizer? Que é reaccionario? Que é jesuita e nós o somos tambem? Arrangem outra, ó gentes de todas as caras! E esperem pelo proximo numero do *Democrata* que com mais tempo falarêmos do liberalismo da Vera-Cruz onde o diabo entrou a pousar as armas com que tem de armar os seus eleitos da ultima hora...

Agradecimento

Por ésta fórma agradecemos a todas as pessoas que nos honraram com as mais inilludiveis demonstrações de amizade o interesse que nos manifestáram pelas melhoras da nossa querida filhinha Natercia, durante a sua gravissima doença da qual, por felicidade, se acha já restabelecida.

Não podemos deixar de especialisar tambem a nossa mais viva gratidão ao medico assistente, o Ex.mo Sr. Dr. Lourenço Peixinho, a quem indubitavelmente devemos a saude adquirida pela nossa doentinha, não só pela persistencia e carinho como muito principalmente pela elevada competencia com que a tratou.

A todos o nosso profundo reconhecimento.

Aveiro, 28 | 6 | 913.

Idalina Carrêa Rosa

João Augusto da Silva Rosa

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 30

Faleceu esta noite o reverendo prior de Segadães. Foi um bom homem, muito cumpridor dos seus deveres eclesiasticos e um bom proprietario.

A' sua familia os nossos pezames.

=E' esperado amanhã na Fontinha o sr. Manuel Pereira Martins e algumas pessoas de sua familia que teem estado em Lisboa desde janeiro. Veem por terra, no seu automovel.

Que cheguem bem é o nosso desejo.

=Continua o milho por um preço elevado. Se não fôsse o sr. Manuel Maria Amador ter tido em sua casa milho exotico por um preço regular, o milho dos lavradores teria chegado a 1$000 ou 1$200 reis. A câmara e administração do concelho deviam ter tomado providencias para acudir a esta falta.

C.

Idem, 1

O jornal ilustrado—*As Construções Modernas*—num dos seus ultimos numeros, publicando em gravuras algumas peças dum rico mobiliario, devido ao nosso distinto conterraneo João Gomes Soares, tem para este habil e distinguido artista as seguintes e merecidas palavras, que para aqui trasladâmos, porque são um justo preito de homenagem ás raras aptidões do digno cidadão:

«Temos hoje a satisfação de publicar mais um trabalho do inteligente artista, sr. João Gomes Soares, de Alquerubim, que os nossos leitores já conhecem pelos seus projectos de casas, assim como o dum portão de ferro, que mereceu justos e geraes elogios. O sr. Soares não se confina em construtor civil; produz trabalhos em serralharia e marcenaria, que se pódem colocar a par dos melhores que se fabricam no estrangeiro e mesmo suplantal-os em muitos casos. A gravura que publicâmos é

CLUB DOS GALITOS

Excursão á Povoa do Varzim promovida por este Club e acompanhada por uma excelente banda de musica, em 3 de Agosto de 1918

2.ª CLASSE—1$500 3.ª CLASSE—1$100

ITINERARIO: Aveiro-Gaia (com paragem em Estarreja); Gaia-Boavista, em eletrico; Boavista-Povoa do Varzim.

A inscrição acha-se aberta na séde do Club e em diversos estabelecimentos

a duma mobilia de quarto de cama, que assim como o resto da mobilia, foi executado em páu santo, madeira que não é facil trabalhar se se quer fazer cousa perfeita.

Pois toda essa riquissima mobilia foi executada nas oficinas do sr. Soares, em Alquerubim, que tambem já a executou para a sala de jantar, estando acabando outra para quarto em estilo mourisco e gotico inglez.

São poucos todos os elogios que se façam ao distinto artista, que fóra dos grandes centros de estudo consegue realisar trabalhos que competem em execução e preço com o que de melhor se faz no estrangeiro.»

Justas e merecidas essas palavras, fazemol-as nossas, tanto mais quanto é certo que élas provém da reconhecida autoridade redatorial das *Construções Modernas*.

=Após dias ardentes de verdadeiro sol africano o tempo refrescou um pouco, mas está sendo muito precisa alguma chuva que os lavradores desejam para os seus milheiraes.

C.

Anuncios

Le Miroir de la Mode

Atelier
DE
CHAPEUS e VESTIDOS

Nêstes *ateliers* executam-se com toda a perfeição e rapidez os artigos inerentes aos mesmos.

Satisfazem com prontidão todas as encomendas que lhes fôrem pedidas para a provincia para o que enviarão os respectivos figurinos tanto para a escolha de chapéus como de vestidos. Confeccionam enxovaes para casamentos e batisados.

Pedidos para a Praça Carlos Alberto, n.º 68—PORTO.

"Regenerante,,

Puro vinho velho do Porto, muito especial, e que se recomenda para os fracos.

Pedidos á casa exportadora
—Rodrigues Pinho—
Vila Nova de Gaia
(Proximo á Ponte de Baixo)

Cão perdido

Gratifica-se quem entregar a Antonio T. Lebre (Verdemilho) um cão da Serra de Estrela, novo, que dá pelo nome de *Lord* e que tem na coleira a inscrição seguinte: (361) *Augusto M. Pinto—Rua do Sá da Bandeira, n.º 144 a 146.*

Emprestimos sobre penhores

N'esta acreditada casa, por um juro limitadissimo, empresta-se dinheiro sobre todos os objectos que offereçam garantia como: ouro, prata, brilhantes, roupas, mobilias bicycletas, etc., etc.

Os emprestimos são realisados estando os srs. mutuarios completamente sós.

Absoluta seriedade e segredo em todas as transacções.

João Mendes da Costa.

Piano

Vende-se em bom uso.
Nésta redacção se diz.

Café distinto

MARCA REGISTADA

O melhor da atualidade

Este primoroso café, devido á sua combinação, é o mais forte, saboroso e aromatico

Vende-se em lindas latas achoroadas

Latas de 500 gramas...	350	Pacotes de 250 gramas..	180
" " 250 " ...	180	" " 125 " ..	85

Deposito geral FLOR DO JAPÃO

66, Rua da Sofia, 70=COIMBRA

Chá distinto Lote especial de **David Leandro**—Recomenda-se este magnifico chá, por ser forte e muito aromático.

VERDE OU PRETO

Pacotes de 100 gramas...	280	Pacotes de 25 gramas..	70
" " 50 " ...	140	Descontos aos revendedores.	

O café e chá DISTINTO, combate todas as marcas do mercado

Cafés moídos desde 300 a 700 réis o kilo

Torrefação e moagem de café a vapor

O proprietario, DAVID LEANDRO

Executam-se encomendas para qualquer ponto do país com grandes vantagens aos revendedores

UNICO DEPOSITARIO EM AVEIRO:

FRANCISCO A. MEIRELES

PRAÇA LUIZ CIPRIANO

onde se encontra á venda artigos de mercearia de 1.ª qualidade por preços sem competencia.

Aceita-se um depositario em cada terra

Aos srs. mestres d'obras e artistas

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da **unica Fabrica Portugueza a Vapor** de **Aveiro**, de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

Agentes e depositarios no Rio de Janeiro, Ernesto, Silva & C.ª—R. da Quitanda, 174, sobrado. Telefone 6044—**Stock constante.**

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES
DE
José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude dascondições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

Rua 5 de Outubro

AVEIRO

LÃS, CHITAS, FLANELLAS, RISCADOS, CHAILES, LENÇOS, MALHAS, CACHENÉZ e MUITOS OUTROS ARTIGOS

NÃO HA QUEM VENDA MAIS BARATO

PADARIA MACEDO
PRAÇA DO COMMERCIO
AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespasnho dôce, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA. MAXIMA DURAÇÃO. MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

Succursal em **Aveiro**—*Avenida Bento de Moura*—**Filiaes:** em Ilhavo, *Praça da Republica.*—Em Ovar, *R. Elias Garcia, 4 e 5*

NUTRICIA DE LISBOA

Produtos désta casa á venda em Aveiro: extrato de malte em pé, chocolate com aveia, marca *cavalo branco*, café de cevada, farinhas de Nestle, Alpina, Bledine, aveia, cevada e arroz. Massas alimenticias para regimen, etc., etc., tudo pelos preços de Lisboa.

Alberto João Rosa
33-A—Rua Direita—AVEIRO.

André Reis e Beja da Silva

"PRONTUÁRIO ALFABETICO,,

e outros elementos interpretativos da

LEI DE SEPARAÇÃO DO ESTADO DAS EGREJAS

Prontuário—Apensos

Lei da Separação e Legislação citada

Acaba de ser posto á venda, ao preço 500 reis ou 520 pelo correio, o **Prontuá-Alfabetico da Lei da Separação,** livro indispensavel a todos quantos tenham de manusear aquéla Lei e principalmente indispensavel a todas as autoridades, advogados, corpos administrativos, corporações cultuais e ministros da religião.

Além da Lei da Separação e de toda a legislação néla citada, contém esse livro um desenvolvido prontuário alfabetico e outros elementos interpretativos da mesma Lei, cujo encarecimento é ocioso.

Pedidos, acompanhados da respétiva importancia, á LIVRARIA DE BERNARDO TORRES—AVEIRO.

Oficina de serralheria

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

RICARDO MENDES DA COSTA
Rua da Corredoura
AVEIRO

N'esta officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Dilnidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das aguas

Escola Secundária e Comercial

RUA FORMOSA=PORTO

Humberto Beça

Com o curso da administração militar, professor d'ensino livre diplomado e publicista

Curso de Guarda-Livros
Curso Secundario de Comercio

Aulas diurnas e noturnas

Português, francês, inglês, alemão, contabilidade, comercio (escrituração comercial), geografia, historia, direito, economia politica, ciencias naturais, caligrafia, dictilografia e estenografia.

Ensino teorico e pratico, sendo o das linguas por professores das proprias nacionalidades.

As matriculas efectuam-se todos os dias das 9 1|2 ás 3 da tarde e das 5 ás 11 da noite.

Pedir programas para a rua do Bomjardim n.º 862.

Recebe alunos internos, semi-internos e externos.

O tratamento daquéles é especialmente cuidado e esmeradissimo.